

MILAN, Stefania. When algorithms Shape Collective Action: Social Media and the Dynamics of Cloud Protesting. In: Social Media + Society, v.2 jul. a dez. 2015. London; Sage, 2015.

\_ Agência está distribuída; do lugar dos protestos para os smartphones e plataformas de redes sociais;

\_ Social media enquanto "curadores do discurso público" (GILLESPIE, 2010, p.247), "produtores de sociabilidade, habilitando e forjando conexões" (VAN DIJCK, 2013, p.57); "networked collective action" (Rainie & Wellman, 2014), "crowd of individuals" (Juris, 2012), "connective action" (Bennet & Segerberg, 2013).

\_ Pesquisas apenas sobrevoam as políticas das plataformas (GILLESPIE, 2010), enquanto este artigo quer analisar as consequências da "medium-specific infrastructure" (GERLITZ & HALMOND, 2013, p.14) e para isso cria a noção de...

## CLOUD PROTESTING

Que simultaneamente enfatiza a) the constitutive (versus vehicular) mediation of social and mobile media and b) the importance of activists' sense making activities (MILAN, 2015, p.2)

Social Movement Studies (SMS)+ Science and Technology studies (STS)  
SMS falha em dizer porquê da social media ser uma ferramenta poderosa de mobilização.

Perspectiva interacionista: Coletivos organizados como uma construção social com ação comunicativa.

While sociologically "keeping distinct the valence of digital networks as such and of the social networks, including networks of political socialization, which may or may not be associated with digital networks" (Couldry, 2015, p. 609), the article takes social networking platforms and mobile devices as a whole in order to stress the combination of sociality and mobility at the core of cloud protesting. (p.2)

1) As mídias sociais são melhor vistas como artefatos sociotécnicos, cultural e ideologicamente, com agência por si só: they carry specific encoded politics (a certain worldview), and policy (community rules and legislation) and have the ability of "modify[ing] a state of affairs by making a difference (Latour, 2005).

2) Contribuem para a mudança organizacionais de comportamento dos movimentos contemporâneos

3) Como social media interferem na construção de significado, "examining how activists leverage the technical properties of the medium to develop a joint narrative" (p.3)

4) Artigo foca atenção na construção de identidade, ilustrando como os protestos contemporâneos engajam em uma "política de visibilidade" que alteram a noção de identidade coletiva.

## SOCIAL MEDIA AS ACTORS

\_ Social Media "play a novel *broker* role in the activists' meaning construction processes.

\_ Exacerbou a conexão entre o simbólico e o material; conteúdo e infraestrutura intimamente ligados. "It has become the process through which the symbolic comes into being, instead of its mere physical (or digital) representation". (p.3)

\_ Plataformas transformam, traduzem, distorcem e modificam conteúdos e relacionamentos (Latour, 2005, p.108). Contribuem para a distribuição da ação através do "reindo da prática tecnológica", promovendo a "self-regulating rearrangement of both actors and participation dynamics) (Latour, 20005; Marres, 2012). Promovem uma *mudança socio-cultural* que altera o processo de inscrever significados no nosso social contemporâneo e nas interações espaciais (Farman, 2012, p.1)

\_ **"Provide a means to know what there is to know and how to know it"** (p.3).

Exemplos: botão Like (Gillespie, 2014, p.167), algoritmo do newsfeed do Facebook (Bucher, 2012), algoritmo dos *trending topics* do twitter, (Gillespie, 2012).

\_ Enquanto opacos, as plataformas de mídias sociais ajudam a criar a ilusão de neutralidade; elas são ARTEFATOS SOCIOTÉCNICOS;

\_ Os serviços de social media assumem uma posição de policing and politicking their uses (policciamento e politicagem de seus usos); estabelecem sua própria racionalidade;" plataformização da web".

\_ Privatização das formas de tomada de decisão: "Users experience the regime through prescriptive terms of service that bury privacy threats in murky descriptions—a symptom of the ongoing “privatization of the forms of decision-making and contestation” defining practices, values, and artifacts" (MILAN, 2015, p.3)

\_ E mantém seus usuários numa “law of the excluded middle”, whereby users “trapped” in agreements between the provider and third parties cannot but comply (or abandon the platform).(p.3)

\_ **Questão: Como e em que medida a agência das mídias sociais são permeadas pelas do usuário?**

## FROM ORGANIZATION TO NETWORKED INDIVIDUALS: THE DAWN OF CLOUD PROTESTING

\_ 3 macrotendências/momentos de ação coletiva organizada:

60's: grupos em torno de identidades, estudantes e a Igreja. Grupos formais: "formal groupings characterized by a well-defined membership and robust sense of belonging (p.4). Controle formal e organizacional sobre o movimento (movimentos sociais "antigos"). Utilizam self organization media (like radio, self-print publications).

*mid 90's*: Início da difusão da internet."The web became the backbone and metaphor of new ways of organizing (Bennet, 2003). Organizam-se mais facilmente por afinidade, são efêmeros e globais. "Contrary to their predecessors (which however co-existed with the new formations), these informal networks allowed for multiple and flexive identities, flucutating and horizontal leadership, and temporary aggregations on the basis of affinity". (p.4)

2000's: Social and Global Media; portátil, sempre online, facilitado pelas mídias sociais. "They also extended political action into the realm of the private and the quotidian, as protest ceased being a separate pursit and is now accessible from one's phone". (p.4) Ativistas do Facebook and Twitter se tornaram "líderes soft", coreógrafos, envolvidos em uma cena, construtores de uma cena emocional no qual a ação coletiva pode se desdobrar".

CLOUD PROTESTING: metáfora capta bem a contradição dos protestos terem uma dinâmica social distribuída e, ao mesmo tempo, terem uma configuração centralizada (nas redes sociais privadas).

Milan explica o porquê do termo apesar das contradições possíveis:

- a) Não foi ideologicamente (ainda) cooptado como outras noções, como a de plataforma;
- b) Permite retratar mídias sociais e móveis como um todo mais do que serviços específicos (multiplataformas);
- c) representa a ambivalência dos movimentos sociais contemporâneos: embora se distanciem a si mesmos dos valores e da exploração realizada no capitalismo, eles dependem de seus produtos para se organizar e se mobilizar;

"If we apply the computing metaphor to collective action, the cloud assumes two meanings: on the one hand, it indicates a digital *imagined space* where *soft* resources critical to collective action are stored and experienced by participants, and on the other, **it is a metaphor for a specific way of connecting individuals in an instance of joint action**". (p.5)

\_ Como a nuvem funciona como princípio de organização?

Ativistas "tradicionais" foram para o background.

Jogral, "coral humano" como exemplos.

Facing the rise of a "dispersed and individualized constituency", membership-based groups and nongovernmental organizations have moved to the background, pushed back by the activists' rejection of pre-packaged identities. (...) Cloud protesting has taken these trends to the next level as today these involve also a digital-yet-material dimension of personalized and nonstop interpersonal exchanges that contribute to experience of the real" (5).

\_ Cloud protesting groupings are temporary, elusive, and action-oriented micro-organizations; daí também a dificuldade de manutenção de uma estrutura organizacional permanente. "The action-oriented, emotion-laden, and expressive nature of cloud protesting might eventually hinder the ability of social actors to find a " long-term adaptive responses".

\_ MEANING PRODUCTION AND THE MATERIAL

Cloud: o espaço imaginário entre (Bruce Sterling cybespace, 1993).

"it's very material infrastructures give a presence and a multilayered shape to immaterial (hence, "soft") resources, in a array of digital objects such as tweets, links, videos, tags, likes... that render meanings *tangible*.

As interações ocorrem na seamless web, onde a dimensão social da ação humana se encontra com a dimensão material das mídias sociais, se enredando mútua e simbolicamente.

\_ A nuvem oferece voz e visibilidade para narrativas pessoais e universais: conecta histórias individuais em um contexto maior que dá às estas significado, dá fácil acesso por conta do baixo custo;

proporciona uma participação customizada: "There is no need for and no means of organizational control over the collective narrative of the protest because the cloud collectively "votes" by selecting, emphasizing, and sharing content". (MILAN, 2015, p.6)

POLÍTICAS DE VISIBILIDADE:

\_ Mídias sociais subvertem a construção de identidade encorajando o engajamento e dissuadindo a preocupação com a sustentabilidade;  
Primeiro eles ampliam as propriedades "colaborativas e interativas" da ação coletiva oferecendo plataformas "always on" onde a interação é um procedimento básico;  
Segundo, eles aumentam isso introduzindo um processo "narrativo" de construção de significado a partir de um elemento material, que traduz em práticas de visibilidade.

\_ Permite a fabricação do senso de pertencimento a um grupo, formando uma identidade intersubjetiva, conflitual e multi-camadas;

A materialidade das mídias sociais interferem na construção da identidade de três formas principais - e influenciam também no modelo de negócio das mídias sociais.

1) **Centralidade para a performance:** "social media allow users to enact a story of which they are the protagonists". (p.7). **The digital performance becomes the conditio sin qua non of social action, whereby making protesting visible on social media turns out to be constituent of the protest.**

2) **Interpelação dos companheiros e oponentes:** hashtags, for ex.

3) **Expansão da temporalidade:** Social media rearrange our perception of the time of collective action. Tempo assíncrono, contínuo.

4) **Reprodutibilidade das ações sociais:** primeiro, o ciclo de uma postagem é curto e efêmero, "câmaras de eco" (Lovink, 2011, p.2). Mas, ao mesmo tempo, a vida não linear dessa mesma postagem pode ressurgir em contextos diferenciados, de modo até mesmo a não ter sua autoralidade reconhecida.

\_ O que muda? O papel do grupo, reconhecimento efêmero e reflexivo. "Is the role played by the group, as visibility results in a spiral process that originates and ends within the individual, rather than dissolving into the group". (p.7)

\_ caráter horizontal dos movimentos X hierárquico das estruturas.

\_ estudar protestos em mídias sociais são aqueles momentos em que Akrich fala de "negociação, desarranjos".

\_ **A infraestrutura técnicas das mídias sociais determina e configura ações:** "the infrastructure dramatically configures people's options and ends up steering collective actions in problematic ways" (p.8).

"By enabling only some forms of engagement and positive affectivity, social media "facilitat)e a web of positive sentiments in which users are constantly prompted to like, enjoy, recommend, and buy as opposed to discuss and critique". (p.8)

\_ Today's "communicative capitalism" produces a political discourse that may be "free" but is also devoid of political potency.

Plataformas importam mais do que os ativistas gostam de acreditar.

**There remains for scholars and social movements the imperative to "dig into real conflicts that emerge from the network condition" (Lovink, 2011, p.3) and make them**

## **explicit for social action.**

### VER BIBLIOGRAFIA:

Bennett, L. W. (2003). Communicating global activism. *Information, Communication & Society*, 6, 143–168.

Bennett, L. W., & Segerberg, A. (2012). The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics. *Information, Communication & Society*, 15, 739–768.

Bennett, L. W., & Segerberg, A. (2013). *The logic of connective action digital media and the personalization of contentious politics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Bennett, L. W., Segerberg, A., & Walker, S. (2014). Organization in the crowd: Peer production in large-scale networked protests. *Information, Communication & Society*, 17, 232–260.

Couldry, N. (2015). The myth of “us”: Digital networks, political change and the production of collectivity. *Information, Communication & Society*, 18, 608–626.

Gerlitz, C., & Helmond, A. (2013). The Like economy: Social buttons and the data-intensive web. *New Media & Society*, 15, 1348–1365.

Gerlitz, C., & Lury, C. (2014). Social media and self-evaluating assemblages: On numbers, orderings and values. *Distinktion: Scandinavian Journal of Social Theory*, 15, 174–188.

Gillespie, T. (2010). The politics of platforms. *New Media & Society*, 12, 347–364.

Gillespie, T. (2012). Can an algorithm be wrong? *LIMN*, 1(2). Retrieved from <http://limn.it/can-an-algorithm-be-wrong>

Gillespie, T. (2014). The relevance of algorithms. In T. Gillespie, P. Boczkowski, & K. Foot (Eds.), *Media technologies: Essays on communication, materiality, and society* (pp. 167–194). Cambridge, MA: MIT Press.

Gillespie, T. (2015). Facebook’s improved “Community Standards” still can’t resolve the central paradox. *Culture Digitally*. Retrieved from <http://culturedigitally.org/2015/03/facebooks-improved-community-standards-still-cant-resolve-the-central-paradox/>

Latzko-Toth, G. (2014). Users as co-designers of software-based media: The co-construction of internet relay chat. *Canadian Journal of Communication*, 39, 577–595.

Leistert, O. (2013a). *From protest to surveillance: The political rationality of mobile media. Modalities of neoliberalism*. Frankfurt am Main, Germany: Peter Lang.

Lovink, G. (2011). *Networks without a cause. A critique of social media*. Cambridge, UK: Polity Press.

Marres, N. (2012). Material participation: Technology, the environment and everyday publics. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan.

**Helmond, A. (2015). The platformization of the web: Making web data platform ready.**